



Ensaio:

Da sala de aula física
para a sala de aula
virtual: é possível
ensinar português
por WhatsApp?

Joyce Targino Alves

Licencianda em Letras - Língua Portuguesa, tem interesse em literatura, ensino de gramática e linguística cognitiva.

Resumo: O presente período de propagação viral gerou ressignificações e mudanças extraordinárias no campo da educação, levando alunos e agentes educacionais a vislumbrar horizontes incertos. A formação do licenciando no âmbito da academia também experimenta momentos buliçosos, pois a nova remodelagem por que passam as instituições de ensino presencial embarçou, transitória ou permanentemente, as práticas curriculares até então executadas pelos estagiários, dentro de um programa curricular bem consolidado. Este ensaio tem como objetivo discorrer sobre a experiência de estágio remoto vivida na disciplina PEC0141 - Ensino Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental, que figura como componente curricular obrigatório no curso de Letras - Língua Portuguesa, da UFRN.

Palavras-chave: Ensino Remoto, Ensino Supervisionado, Educação.

O presente período de propagação viral gerou ressignificações e mudanças extraordinárias no campo da educação, levando alunos e agentes educacionais a vislumbrar horizontes incertos. A formação do licenciando no âmbito da academia também experimenta momentos buliçosos, pois a nova remodelagem por que passam as instituições de ensino presencial embarçou, transitória ou permanentemente, as práticas curriculares até então executadas pelos estagiários, dentro de um programa curricular bem consolidado. Isso demandou repensar e reconstruir ideias e materiais que pudessem prestar apoio em um momento agitado por um panorama pouco animador no que se refere aos rumos da educação brasileira. Apesar dos obstáculos, muitas escolas e instituições de ensino superior estão conseguindo realizar suas atividades, ainda que com muita restrição.

Com o estado de pandemia decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e o conseqüente fechamento das unidades escolares, que assumiram o ensino a distância, o Ensino Supervisionado teve de sofrer alterações na sua estrutura, sendo realizado com adaptações e limitações referentes às condições de acessibilidade e adesão dos professores no período remoto. Apesar do cenário excepcional, o estágio remoto foi ofertado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), segundo as normas que regem sua execução, com etapas de observação e regência assistida, ainda que tenha ficado à parte práticas que são próprias da atuação em campo. A realização do estágio em escolas públicas, que estavam ofertando suas aulas por aplicativos e tecnologias digitais, configurou-se como um grande desafio, impondo uma série de limitações ao processo educacional como um todo. Mesmo assim, apesar dos percalços, sua realização pôde acontecer, o que foi uma oportunidade de primeira mão para aqueles que puderam acompanhar seu processo e desenvolvimento ao longo deste período letivo excepcional.

Este texto tem como objetivo discorrer sobre a experiência de estágio vivida na disciplina PEC 0141 - Ensino Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental, que figura como componente curricular obrigatório no curso de Letras - Língua Portuguesa, da UFRN. A observação e a regência são práticas que permitem analisar as condições e os mecanismos de funcionalidade da escola, as pedagogias, os processos de ensino-aprendizagem, as metodolo-

gias adotadas pelos agentes educacionais e as dinâmicas e interações que ocorrem no âmbito da escola. Além do mais, a prática do Ensino Supervisionado e da regência objetivam a inserção do acadêmico na esfera real dos acontecimentos escolares, possibilitando um recorte panorâmico que desponte para reflexões e práticas fundamentadas em concepções de desenvolvimento pleno, efetivo exercício da cidadania e preparação para o trabalho (BRASIL, 1996), de modo que sua futura atividade docente seja guiada por esses princípios.

Para este texto, farei um recorte, focalizarei como se deu a organização do funcionamento da escola, das salas de aulas on-line, da turma, da atuação pedagógica e metodológica da supervisora e dos materiais didáticos utilizados, com o objetivo de refletir sobre os limites e as possibilidades do ensino de língua portuguesa no ensino remoto por meio do aplicativo de WhatsApp.

A escola: do presencial ao virtual

A escola em que estagiei comporta estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando nos períodos diurno, vespertino e noturno. De acordo com o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a proposta de escola e os princípios que regem sua atividade estão embasados na Constituição Federal, nos pareceres da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento Curricular do Rio Grande do Norte (DCRN). Portanto sua gestão educacional é construída por meio de princípios democráticos, de diversidade, de cidadania, respeito, pluralidade de ideias e de concepções pedagógicas e compromisso social.

Com a propagação epidemiológica do coronavírus e a decisão, emitida por meio da Portaria nº 343, do Ministério da Educação (MEC), em substituir o encontro presencial pelo ensino remoto, a instituição foi compelida a ministrar e adaptar o ensino-aprendizagem neste período emergencial, convocando os profissionais da educação para participar de uma reorganização das práticas docentes, do calendário escolar, do tempo e da concepção de aula. Assim, o encontro presencial e a observação da escola física não ocorreram, ficando essa caracterização restrita ao espaço virtual em que as aulas se realizaram.

Como a crise sanitária evidenciou também uma crise de acessibilidade digital até então pouco conhecida ou ignorada, a escola em questão, assim como muitas, deparou-se com um cenário desolador, pois como haveria de executar um ensino remoto relâmpago, vindo de uma ordem que desconsidera os problemas escolares, sem ferramentas e preparo adequados? Há também que mencionar o agravante da falta de formação docente para os letramentos digitais, a situação exige apropriação mais do que nunca, haja vista o período de isolamento. Sendo assim, a leitura, análise e produção de textos multimodais no contexto digital são demandas urgentes no quadro da educação.

Apesar das dificuldades que são comuns no panorama da educação básica pública do Brasil, a escola buscou, mediante muito diálogo e discussão, por conta própria, uma forma de aula

que fosse realizável no contexto socioeconômico dos alunos, uma plataforma que fosse acessível e um material didático formulado para os objetivos prementes, de maneira que fossem reduzidos os atrasos de ordem educacional. Entretanto, como reduzir desigualdades se o acesso à educação, direito público subjetivo, não alcança a todos, ficando a maior parcela sem o seu usufruto? Qual seria o objetivo de uma determinação que – além de não oferecer meios de concretização para o ensino-aprendizagem – delibera, quer e manda executar o ensino remoto para a rede pública?

A despeito dessas questões, a escola readaptou sua sala de aula, transportando a atividade presencial para o meio eletrônico, inclusive no que se refere a metodologias. Essa permuta, como se vê nas entrevistas e depoimentos de professores, pais e alunos, não passou por um processo consistente de elaboração e planejamento, tendo em vista a celeridade com que foi aprovado o ensino remoto. Dessa forma, não dispondo de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e por condições financeiras, a plataforma utilizada para essa transferência foi o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, que é majoritariamente usado em aparelhos celulares. A escolha desse meio se deu pela disponibilidade de acesso e pelo consumo mínimo de internet, já que a maioria dos alunos não acessa internet por banda larga e não dispõe de computador de mesa ou portátil. Tendo em vista que, durante as reuniões com os pais para deliberar e ajustar o funcionamento das aulas, os profissionais da escola também descobriram que os alunos não dispunham de aparelho celular próprio, as aulas foram organizadas conforme os horários de disponibilidade dos pais, para que pudessem compartilhar o aparelho. Além do mais, o tempo de aula precisaria ser reduzido, devido recomendações de saúde por exposição prolongada a aparelhos eletrônicos, pelo fato de que a aula se tornaria enfadonha e também porque, possivelmente, a ferramenta mediadora, convidativa, abre espaço para distrações que são prejudiciais para a aprendizagem. O tempo ficou restrito a aproximadamente uma hora e meia por turno, sendo a aula de português da turma 8º ano A, a que assumi para observação e regência, ministrada nas terças-feiras, das 8h às 9h30.

Segundo relatou a supervisora, houve muitos desacordos e resistências quanto a criar um espaço virtual pelo WhatsApp para ministrar as aulas remotamente. Isso porque, como os aparelhos pertencem aos pais ou responsáveis, haveria o inconveniente de receberem mensagens e arquivos em momentos inoportunos, atrapalhando suas dinâmicas de vida. Dessa forma, a escola apresentou uma proposta normativa para estabelecer momentos e horários de interação, conduzindo a ordenação que haveria no ensino presencial para o espaço remoto. Então, depois de propostas acordadas sobre condutas e discussões de estratégias escolares, foi criado o grupo de WhatsApp Turma 8º A, no qual atuei como estagiária.

Assim se apresenta a escola via WhatsApp, que agora ocupa a instância familiar e privada, quando é instituída em aparelho móvel particular e vulnerável a vigilâncias das mais variadas esferas. Em tempos de ameaça à democracia e ao estado de direito, os professores estão limitados pelas suas posições, não possuem a expressão do livre-arbítrio: os olhos dos demais são como câmeras e o texto como um registro de prova. Que tipo de educação se pode conceber mediada por WhatsApp?

A sala de aula da Turma do 8º A: um (não)espaço de aprendizagem

A sala de aula é um espaço físico onde são organizados os instrumentos concretos de ensino, tais como quadros, bibliotecas (se houver), carteiras etc., e os arranjos relativos à turma e ao profissional da educação. Com a mudança de paradigma ocasionada pela crise sanitária, a sala de aula da escola observada passou a ser o âmbito virtual, delimitado de acordo com suas propriedades. Assim, tudo que faz parte desse meio figura como sala de aula, inclusive o tipo de interação que ela propicia, os mecanismos pelos quais a linguagem acontece, os gêneros textuais utilizados na comunicação. A sala de aula da escola é, pois, virtual, cujo designer e funcionamento servem às comunicações instantâneas, usa de textualidade majoritariamente escrita, mas há a possibilidade oral e audiovisual, usa de gêneros característicos dos meios cibernéticos (tais como meme e emoticon), é improvisada, monofocal (ou seja, exige um foco de concentração direcionado a um espaço multimídia), e móvel (quando a sala de aula pode ser transportada para todo lugar, pois está concebida em aparelho eletrônico).

O espaço de permuta, isto é, da troca de professores, e não de salas, conservou-se pelo espaço restrito da sala virtual, de modo que a escola organizou as turmas por “salas de pate-papo”: os grupos de WhatsApp. As apresentações dos agentes reais, ou seja, dos alunos, responsáveis e do corpo pedagógico, dão-se pelas contas telefônicas na plataforma WhatsApp, por meio da imagem de perfil e de colocações textuais na área do status. Por causa disso, o momento de demanda fez com que a vida privada do professor fosse mesclada com a profissional, gerando a conjuntura de vigilância tanto por sua parte, no sentido de ter acuidade com suas próprias colocações (imagéticas, sonoras ou textuais) quando vigilâncias de outras partes, vindas de outras esferas (familiar, profissional). Nesse contexto, antes de ingressar no grupo da turma, a professora veio me sugerir que mudasse a foto do perfil para que os alunos pudessem me ver, pois a que estava no perfil até aquele momento era a de um inseto simpático com um balão de fala escrito “olar” (até muito informal). Então, por força dessa circunstância, tive de considerar o meu WhatsApp pessoal com muito cuidado, e comecei a ter mais atenção no que postava e como me apresentava por imagem.

O grupo Turma 8º A foi o único meio em que a atividade docente/escolar se concretizou. Ele é composto por 46 participantes, entre os quais há alunos, profissionais da educação de variadas áreas e os pais ou responsáveis. Do quantitativo de alunos, segundo percebi ao longo do estágio por intermédio das interações, constam 7 alunos. A professora responsável pela supervisão é formada em Letras – Língua Portuguesa pela UFRN e possui mestrado na área de linguagem e letramentos pela mesma universidade. Segundo sua dissertação de mestrado, é adepta de uma concepção sociointeracionista de linguagem, que entende o aluno também como agente na construção do ensino-aprendizagem dentro de um contexto de vivência dialógica. Também entra nessa concepção a teoria de educação autônoma e emancipatória proposta por Paulo Freire.

Na escola, atuando no ensino remoto, há profissionais de outras áreas ministrando aulas de

português. No grupo, além de português, constam professores de matemática, artes, inglês e história, a coordenadora e a diretora da escola, cujo papel no grupo é repassar avisos e comunicados de relevância, como a entrega das cestas básicas e da coletânea de atividades elaboradas pela Secretaria de Educação do município, material que serve de apoio a toda rede municipal pública. Não há estagiários atuando nem equipe de apoio tecnológico, somente os funcionários efetivos da escola. Segundo relato da professora, uma das melhores interações ocorreu na turma do 8º ano, quando presenciei cerca de 4 alunas interagindo, do total de 7. Nas demais turmas, ainda de acordo com a supervisora, as aulas dificilmente suscitavam diálogo, tornando-se um monólogo. Diante dessa revelação, fica a perplexidade de uma aula remota sem participação efetiva da maioria dos alunos, às vezes sem participação alguma. A aula é um acontecimento (GERALDI, 2015) que requer relação mútua entre alunos e professores, de forma que sem a qual a construção das aprendizagens fica prejudicada.

O estágio ocorreu de outubro a dezembro de 2020. Os encontros via WhatsApp quase sempre aconteciam no horário combinado, às 8h. A dinâmica empreendida nas aulas de português por meio remoto, e também nas demais aulas, evidenciava a transposição improvisada do presencial para o virtual. À vista disso, tanto a professora de português quanto os demais ainda adotavam a aula expositiva dialogada para a regência via WhatsApp, evidenciando a falta de preparo para adaptar-se ao novo contexto de aula. É compreensivo a adoção desse modelo tradicional: o que fazer, se não há instrumentos nem apoio? Se há demandas a serem cumpridas e, segundo as metáforas do capital, “o tempo é curto”?

Assim sendo, a professora introduzia a aula, por vezes, com um texto sobre uma temática transversal abordada nas questões do caderno, que será comentado mais detalhadamente na próxima seção. No primeiro dia de aula remota, o tema da primeira parte das questões foi ética, então a docente utilizou de um gênero audiovisual para apresentar a temática aos alunos, iniciando um diálogo com eles para que conceituassem também e depois a própria professora explanasse e/ou comentasse o assunto de sua parte, partindo em seguida para resolução das questões. Via-se, na sua prática docente, a preocupação em resolver as atividades presentes na coletânea, e toda a aula estava planejada para esse fim. Ou seja, toda a aula se converteu em resolução de questões, sem um processo de interação mais apurado. A aula também é um espaço de socialização, não só de resolução e “entrega de conteúdos”, como bem comentou a professora Luísa Guedes, em entrevista¹.

Embora houvesse uma interação, ela se constituía de forma precarizada, às vezes, monossilábica (com “sim” ou “não”), e outras vezes as mensagens não pareciam espontâneas, quando sugerem paráfrase ou imitação de textos de outros. Possivelmente, pelo menos sob as condições de interação real, oral, haveria muitos registros coloquiais, gracejos, frases exclamativas, inventividades, formulações próprias, diálogos paralelos. A corporeidade tem um papel de suma impor-

1. Entrevista concedida à Radis Comunicação e Saúde, Brasil. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/educacao-nao-e-so-entrega-de-conteudos>. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

tância na construção de saberes e conhecimentos, pois é a partir dela que o ser humano procura se conceber “[...] em sua totalidade corpo, movimento, emoção, sentimento e cognição, para experimentar novas formas expressivas de sentir, pensar e agir” (TORRES, 2016, p.16), dentro de um contexto plural. Uma aula monofocal e concentrada limita essas possibilidades de interação, pois exige uma focalização para o contexto virtual, dentro das possibilidades gráficas e de linguagem que o ambiente oportuniza. No meio presencial, o corpo, a disposição do espaço na sua propriedade dimensionada e os sentidos entram no jogo de linguagem, enriquecendo a interação no contexto escolar. Além do mais, na escola há o convívio entre vários indivíduos, de ideias e fenótipos plurais, em um mesmo ambiente, contribuindo, também, para uma interação mais “viva” e efetiva, e conseqüentemente para um processo formativo mais completo, pois faz parte dele a convivência e o diálogo com a alteridade. Como os alunos participarão do processo de ensino-aprendizagem no seio da instituição familiar, sem um contato real com os agentes que compõem a escola?

No que diz respeito ao convívio da turma, não há propriamente uma relação de amizade nem de inimizade entre os alunos e entre estes e os professores, aliás, tendo em conta as restrições normativas e o espaço reduzido de observação, não há como saber dos vínculos, laços ou relações só por mensagens instantâneas em momentos preestabelecidos. O espaço do grupo de WhatsApp da turma é restrito às aulas e aos trâmites relativos à escola. Apenas há exposições afetivas e emotivas mediadas por emoticons, mas de professores para alunos e vice-versa, no contexto de aula. Os alunos só interagem no momento da aula e quando têm alguma dúvida relacionada a eventos da escola, como a entrega do caderno, período das aulas e a entrega de cestas básicas. Apesar de reduzida pelas circunstâncias materiais, de conforto, sociais e outras, os encontros acontecem com alguma participação e interesse, dentro do comedimento e respeito que a relação exige, de modo que, apesar de poucos alunos, a aula pôde ser viável e proveitosa de algum modo, mesmo com sua potência reduzida a extremos.

Um livro sociointeracionista e um caderno com ensino tradicional?

Com relação aos materiais didáticos, a Secretaria Municipal de Educação do município produziu, a cada bloco de aulas, um material didático que serviu de apoio e norte para as práticas pedagógicas dos professores no meio remoto. Aliás, suas aulas não extrapolam o âmbito desse material: é a partir dele que as aulas acontecem, e se encerram nele. De acordo com a supervisora e a coordenadora da escola, é um material produzido coletivamente que é distribuído por toda a rede municipal pública de ensino do município. Ele figura como um livro didático temporário só de resolução de questões, nomeado como: “caderno” ou “coletânea de questões”.

Em verdade, é um compilado de atividades das mais variadas áreas de conhecimento, que, segundo afirmam, é baseado em um livro didático já utilizado pela escola, o Conhecer e Transformar (Projetos Integradores). Ele é dividido em duas partes, por bloco de séries: 6º/7º e 8º/9º. Como o próprio nome do livro sugere, a proposta do Projetos Integradores é interseccionar áreas do co-

nhecimento para atender às demandas sociais que buscam a formação integral e coesa, distinta da formação que segmenta as áreas do saber e os processos da cognição. O intuito é mobilizar o aprendiz a acionar diversos domínios cognitivos, inclusive o emocional, e oferecer subsídio aos professores para desenvolver suas atividades com base no que dispõe a BNCC sobre os objetivos do ensino-aprendizagem. O Projeto está claramente amparado pela concepção interdisciplinar de ensino, enxergando o aluno como “sujeito da aprendizagem”. Portanto a obra toma como pilar a concepção interacionista e contextualizada de linguagem. O livro *Projetos Integradores* é organizado em eixos de “projetos” que incluem temas transversais e propostas de atividades, integrando diferentes áreas do conhecimento. Todo o livro marca sua fundamentação no que dispõe a BNCC sobre competências e habilidade, e explicita esses pontos para cada projeto.

Segundo o que foi comunicado aos estagiários e à orientadora pelo corpo pedagógico da escola, o caderno de questões – que é o compilado de atividades de vários componentes reunidas em um só material – é edificado a partir desse livro. Todavia, na pesquisa e na análise que fiz do livro e do caderno não pude verificar os pontos de convergência. As aulas também não dialogaram com o livro. Dessa forma, a utilização do livro ficou em um segundo plano, pois as ações que dissessem respeito à escola deveriam ser acordadas no espaço do grupo. Talvez o único ponto em comum entre os dois materiais seja a abordagem de temas transversais, como ética e meio ambiente.

O caderno, inclusive, apresenta uma abordagem tradicional e descontextualizada no que se refere à gramática, distinta da do livro. No terceiro caderno trabalhado com os alunos, por exemplo, havia uma questão em que se pedia para retirar do texto verbos das 1^o, 2^o e 3^o conjugações. No caderno, não há nenhuma questão que mencione diretamente o contexto atual de pandemia, mas insiste sempre em questões ambientais e éticas. As questões envolvem análise de diferentes gêneros, compreensão global e efeitos de sentido, mas trabalham pouco os elementos composicionais que diferenciam os gêneros e as funcionalidades que desempenham no âmbito social. A maior parte das questões é de múltipla escolha, com práticas de leitura e análise e pouca prática de escrita.

Tendo em vista essas contradições, procurei em plataformas de pesquisa as atividades e descobri que, na realidade, as questões foram retiradas de sites especializados em exames preparatórios para ingresso em uma instituição superior. Esse comportamento não foge à regra em relação a outras condutas realizadas pelas escolas básicas de ensino. Segundo depoimentos de alguns colegas de estágio, as aulas estão se convertendo em aulas “preparatórias”. Sabemos da importância da dimensão do trabalho, mas a escola não pode se encerrar nessa dimensão, pois seu papel deve ser muito mais abrangente. Todas essas constatações revelam uma lógica de mercado imbricada nas concepções de vida, de escola e no papel do professor. A escola está para a competitividade até mesmo no período remoto, em crise viral, quando a educação caminha para rumos incertos.

Considerações Finais

Apesar das restrições ocasionadas pela plataforma de acesso, materiais didáticos, pedagogia, condições de internet e instrumental, tempo e número de alunos, o estágio remoto abriu horizontes para novas formas de reflexão e ação, uma prática em que possamos sempre nos renovar, até mesmo em contextos desfavoráveis. O período remoto nos evidenciou os desafios que a educação brasileira ainda tem a caminho, assim como é possível pensar em uma nova escola com novas práticas.

REFERÊNCIAS

GERALDI, J.W. **A Aula como Acontecimento**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2015. 208p.

LDB – **Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: Acesso em 19 de dezembro de 2020.

Radis Comunicação e Saúde, Brasil. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/educacao-nao-e-so-entrega-de-conteudos>. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

TORRES, S. P. **A corporeidade no Ensino Fundamental**: na busca de uma educação emancipatória. 93f. 2016. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Lavras, MG, 2015.
